DOAÇÃO E TRANSPLANTES DE ÓRGÃOS E TECIDOS NO CONTEXTO DA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

Elisa Pinheiro Weber[1]; Guilherme Ambrósio Alves Silva[1]; Letícia Freitas de Castro Silva[1]; Myrelle Aparecida Montezuma Ribeiro[1]; Ronaldo Duarte Araújo Abreu[1].
[1]Acadêmicos do curso de Medicina do Centro Universitário de Belo Horizonte.
elisapweber@gmail.com

Introdução: O trabalho das equipes de transplantes de órgãos deve estar de acordo em termos legais e fisiológicos, mesmo em contexto de urgência e emergência. **Objetivo**: Demonstrar a complexidade do processo de doação e transplantes de órgãos em casos de urgência e emergência. **Metodologia**: Estudo qualitativo e descritivo realizado por revisão literária com pesquisas bibliográficas em plataformas digitais como PubMed e Google Acadêmico. **Resultados**: O processo de doação de órgãos exige diagnóstico de morte encefálica (ME) e consentimento. Do ponto de vista ético, é preciso que o consentimento para a doação tenha sido realizado de forma esclarecida, mediante toda informação e compreensão necessária. Com diagnóstico de ME, esse esclarecimento se torna impossível, sendo a alternativa deixar a decisão a cargo da família. **Desenvolvimento**: Para realizar o transplante, há uma lista de receptores no estado, em que são observados critérios como: urgência, compatibilidade sanguínea, anatômica e imunológica, idade, dentre outros. Em situações de emergência, nas quais os indivíduos não conseguem exprimir suas preferências ou consentimento, os profissionais de saúde baseiam-se no princípio da beneficência, assumindo o papel de protetor do paciente por meio de ações em favor da vida e da saúde. Assim, a decisão é baseada na noção da existência de consentimento presumido, supondo que se a pessoa estivesse em posse de sua autonomia, seria favorável à intervenção na tentativa de resolver causas ou consequências de suas condições de saúde. **Conclusão**: O processo de doação de órgãos é complexo e deve ser sistematizado, principalmente em situações de urgência e emergência. A falta de metodização pode refletir em recusas familiares para doação, por falta de convicção tanto no profissional atuante quanto na segurança do ente doador. É necessário aumentar a discussão acerca do tema entre o meio científico e população leiga, sendo a desinformação responsável por déficits na captação de órgãos.

Palavras-chave: Morte encefálica. Consentimento. Paciente.